Jornal

SINPRO NNF

SINDICATO DOS PROFESSORES
DO NORTE NOROESTE FLUMINENSE

https://sinpronnf.com.br
Nº 033 Ano VIII – 2º Trimestre 2022
ISSN 24477281

00033

JORNAL DO SINPRONNF (ISSN 24477281)

*** EDITOR CHEFE**
Job Tolentino Junior
(SECRETARIA DE RELAÇÕES POLÍTICAS SINDICAIS E ASSUNTOS JURÍDICOS/TRABALHISTAS)

*** EQUIPE DE PRODUÇÃO**
Carla Cristina do Carmo Buy; Claudina de Paula Dias Gomes; Viviane Santos Gonçalves (SECRETARIA DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS, CULTURAIS, DIVULGAÇÃO E IMPRENSA)
Jacimar Fazollo Méra (SECRETARIA DE INTEGRAÇÃO MUNICIPAL)

SINPRO NNF

Estamos filiados a:

Feteerj – Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino no Estado do Rio de Janeiro
contee – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
CUT BRASIL – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

SUMÁRIO

Página 01:
- INSPIRAÇÃO PARA ESTA EDIÇÃO
- SUMÁRIO

Página 02:
- SINDICATOS: COMO SURGIRAM, O QUE FAZEM, QUAL A TAXA E COMO SABER O SEU...

Página 04:
- COLETIVO JURÍDICO DEBATE COMO ENFRENTAR FIM DA ULTRATIVIDADE
- CONTINUA A LUTA PELA RENOVAÇÃO DA CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO

Página 05:
- NO DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBTQIA+, VEJA A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

Página 07:
- 'CASAMENTO HOMOSSEXUAL' E 'CASAL HOMOAFETIVO' SÃO EXPRESSÕES CORRETAS?
- A LINGUAGEM COMO ARGUMENTO

Página 8:
- MENSAGEM FINAL

CONTEXTO SINDICAL

SINDICATOS: COMO SURGIRAM, O QUE FAZEM, QUAL A TAXA E COMO SABER O SEU...

Sindicatos são entidades que lutam por direitos dos trabalhadores de determinada categoria
Imagem: Wilton Jr/Estadão Conteúdo

Os sindicatos são uma forma de associação antiga, que surgiu com o objetivo geral de defender interesses e direitos dos trabalhadores. Independentemente da profissão ou da categoria que representam, as organizações sindicais têm em comum a busca por melhores condições de trabalho dos empregados, a partir da negociação de benefícios e salários.

Mas como os sindicatos funcionam exatamente? Em que contexto surgiram? A quem sua atuação beneficia? Confira abaixo as respostas para essas e outras perguntas sobre o movimento sindical no Brasil:

Sindicatos: o que fazem, como surgiram e mais

O que são sindicatos?

Sindicatos são associações permanentes de trabalhadores que se juntam com o objetivo principal de fortalecer uma categoria profissional e buscar as melhores condições de trabalho para todos daquele ramo de atividade econômica. Podem funcionar nos âmbitos urbano ou rural, além de englobar um ou mais estados e municípios.

Todo sindicato deve ter como base territorial mínima um município; ou seja, não pode representar somente um bairro ou região.

O que sindicatos fazem?

São responsáveis por reivindicar melhores condições de trabalho para seus associados e também aos não sindicalizados pertencentes à mesma categoria.

Entre as principais atividades, estão negociações por aumentos do piso salarial e pelo direito a benefícios como assistência médica.

Quando uma categoria de trabalhadores decide uma greve por reajuste de salários, por exemplo, é o sindicato quem organiza a ação e toma a frente dos acordos a serem feitos com os empregadores.

Além disso, os sindicatos desempenham papel importante na construção da legislação do trabalho e no recebimento e acompanhamento de denúncias feitas por empregados. Também é comum que sindicalizados recebam orientação jurídica diante de questões e processos trabalhistas.

Quando e como surgiram os primeiros sindicatos?

Foi a partir da migração do campo para as cidades, na industrialização do século 19, que surgiram as primeiras organizações de trabalhadores na Europa.

A nova relação entre tempo e dinheiro e as abusivas situações às quais operários eram submetidos os motivaram a se unir por melhores condições de trabalho.

Assim, apareciam as associações pioneiras do sindicalismo, como os trade unions no Reino Unido, que lutaram por salários fixos e mais justos para os trabalhadores ingleses na indústria.

No Brasil, o movimento operário começou a tomar forma após a chegada dos imigrantes europeus, já no final do século 19. A promessa de melhorias de vida por meio de um trabalho assalariado acabou como mão-de-obra explorada, expondo os trabalhadores a péssimas condições de trabalho.

Foi durante a Era Vargas (1930-1945) que o sindicalismo foi, de fato, regulamentado. Ao mesmo tempo, porém, foi submetido a decretos que subordinavam os sindicatos ao Estado e de certa forma limitavam sua atuação.

Como é a estrutura sindical no Brasil?

Forma mais simples de organização de trabalhadores, os sindicatos podem ser organizados em nível estadual e constituir federações ou, em nível nacional, compor confederações e centrais sindicais.

Cada um dos grupos possui estatutos e modos de organização interna próprios. De acordo com o Ministério do Emprego e Previdência, existem atualmente 13 centrais sindicais ativas, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) ou a Força Sindical.

Quem pode fazer parte dos sindicatos?

A Constituição Federal prevê a livre associação a sindicatos, exceto aos militares, que também são proibidos de fazer greves.

O que é ser sindicalizado?

Não obrigatória, a sindicalização ajuda um trabalhador a se fortalecer ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento da própria associação.

Além de suporte jurídico em casos trabalhistas, uma pessoa sindicalizada pode contar com vantagens dependendo do sindicato.

Alguns têm parcerias que garantem aos associados e seus dependentes descontos em escolas, universidades, cinemas, hotéis, restaurantes e planos médicos e odontológicos.

Alguns têm parcerias que garantem aos associados e seus dependentes descontos em escolas, universidades, cinemas, hotéis, restaurantes e planos médicos e odontológicos.

Como se sindicalizar?

O processo de sindicalização varia conforme o sindicato, mas na maior parte dos casos ocorre por meio de uma inscrição simples, acompanhada por um valor simbólico de contribuição.

As informações detalhadas costumam estar disponíveis nos sites dos respectivos sindicatos.

Como saber qual é o meu sindicato?

Em meio a milhares de sindicatos, pode parecer difícil encontrar aquele que corresponde à sua profissão e ao seu município ou estado.

Mas um bom caminho é acessar o site do Ministério do Trabalho e Previdência, que dispõe de uma página de aferição sindical.

A lista contempla os sindicatos criados até 2016, último ano disponível para checagem.

Um truque para encurtar a busca é utilizar o atalho Ctrl + F para procurar as palavras relacionadas ao seu trabalho e localidade.

Quanto custa a taxa do sindicato?

Também varia conforme o sindicato. As organizações geralmente estipulam uma porcentagem do salário do empregado ou um valor fixo como teto.

Como parar de pagar a taxa?

Para cancelar a sindicalização, o sindicato pode pedir uma carta de próprio punho com os dados pessoais e o motivo do desligamento, além de outros documentos necessários. Uma vez dessindicalizado, a taxa não será mais cobrada.

Quais desafios os sindicatos enfrentam?

Muito cerceados na ditadura militar (1964-1985), diversos sindicatos foram dissolvidos, e voltaram a se reestruturar no final da década de 1970.

Desde então, o movimento passou por altos e baixos, sofrendo uma derrota trazida pela reforma trabalhista de 2017, que eliminou a obrigatoriedade da contribuição sindical, um tipo de imposto criado ainda no governo de Getúlio Vargas pago por todos os trabalhadores com carteira assinada, sindicalizados ou não.

A contribuição era até então a principal fonte de financiamento da estrutura sindical, que observou uma grande queda após a alteração.

Atualmente, são mais de 17 mil sindicatos ativos no Cadastro Nacional de Entidades Sindicais, mas os níveis de sindicalização também vêm caindo na última década.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, o índice da associação a sindicatos foi de 16,1% em 2012 para 11,2% em 2019. As organizações, porém, continuam se mantendo para defender os direitos dos trabalhadores.

Fonte:
UOL. Beatriz Gatti. 17/6/2022
Fonte: (https://economia.uol.com.br/guia-de-economia/sindicatos-como-surgiram-o-que-fazem-qual-a-taxa-e-como-saber-o-seu.htm)

COLETIVO JURÍDICO DEBATE COMO ENFRENTAR FIM DA ULTRATIVIDADE
(Reunião também tratou da absurda decisão do STF que considerou constitucional normas coletivas que retirem direitos)

Mais de 30 diretores e assessores jurídicos das entidades de base se reuniram remotamente, na noite desta segunda-feira (13), em reunião do Coletivo Jurídico da Contee, convocada para tratar de dois tópicos. O primeiro, o fim da ultratividade da norma coletiva, bem como os impactos e as medidas necessárias para reverter esse retorcesso. O segundo, a impossibilidade de se incluir na execução trabalhista empresa que não participou do processo de conhecimento, além das consequências e o que fazer para evitar isso.

Outros dois pontos, porém, foram acrescentados à pauta: a constitucionalidade, determinada recentemente pelo STF (Supremo tribunal Federal), de normas coletivas que retiram direitos dos trabalhadores; e a obrigatoriedade de diálogo prévio com os sindicatos em caso de demissão em massa.

Todos os assuntos estão na ordem do dia na Contee. As graves derrotas impostas aos trabalhadores pelo STF nas questões concernentes à ultratividade e à retirada de direitos foram destrinchadas previamente pelo consultor jurídico da Contee, José Geraldo de Santana Oliveira, nos artigos "STF sepulta ultratividade; luta para retomá-la requer ação junto ao Legislativo" e "STF apedreja trabalhadores/as e considera constitucional normas coletivas que retirem direitos".

"Considero que a maior vitória que conseguimos depois da Constituição de 1988 foi a ultratividade da norma, garantida pela Súmula 277. Portanto, ao reverso, o sepultamento da súmula é nossa maior derrota", disse Santana aos participantes do Coletivo Jurídico. "Significa que, ao fim do instrumento normativo, tudo nele contido desaparece como num passe de mágica."

Sobre a exigência de diálogo prévio com os sindicatos em caso de demissões em massa também foi analisada pelo consultor jurídico no artigo "Decisão sobre demissão em massa é vitória, mas não pode ser esvaziada".

Sobre a impossibilidade de se incluir na execução trabalhista empresa que não participou do processo de conhecimento, Santana lembrou do plano de recuperação judicial das instituições metodistas, que tenta eximir as igrejas de responsabilidade com as dívidas trabalhistas.

Troca de convenções

Durante o debate, dirigentes sindicais e assessores jurídicos dividiram experiências e propostas sobre como enfrentar os retrocessos. O coordenador da Secretaria de Assuntos Jurídicos da Contee, Leandro Carneiro Batista, reforçou o pedido feito pela Confederação na última quarta-feira (8), durante reunião que discutiu as negociações salariais nas entidades de base, para que os sindicatos compartilhem as convenções coletivas.

A iniciativa é importante para formar banco de dados e trocar exemplos de cláusulas exitosas conquistadas por cada entidade, a fim de subsidiar as reivindicações das demais.

Informe

O quinto ponto de pauta foi informe sobre a ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) 7103, movida pela Contee contra dispositivos da Lei 14.311 que autorizaram o retorno ao trabalho presencial de gestantes que recusaram a imunização contra a covid-19.

Em julgamento virtual no período de 3 a 10 de junho, a ADI foi considerada prejudicada pela ministra relatora, Cármen Lúcia. O consultor jurídico da Confederação, Geraldo Santana, explicou ainda não ter tido acesso ao argumento, mas ponderou que, provavelmente, tem relação com o pretenso "fim" da pandemia.

Fonte:
CONTEE. Táscia Souza. 13/Junho/2022.
(http://contee.org.br/coletivo-juridico-debate-como-enfrentar-fim-da-ultratividade/)

CONTINUA A LUTA PELA RENOVAÇÃO DA CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO

A Comissão Paritária que reúne a Feteerj, representando os Sindicatos de Professores (Sinpro), e o SINEPE-RJ, instituição que representa os donos de estabelecimentos de ensino, se reuniu nesta quinta-feira (23) para discutir a renovação da Convenção Coletiva de Trabalho 2022 da educação básica, em todo o estado do Rio de Janeiro.

Nesta reunião do dia 23 (a terceira desde o início da negociação), tendo em vista a negativa da Feteerj de aceitar a proposta de 6% de recomposição salarial feita pelo patronato na reunião anterior (realizada dia 2/05), O SINEPE-RJ apresentou nova proposta: 4% em maio (data base da categoria), mais 4% em outubro.

Os diretores da Feteerj consideraram a proposta insuficiente e até mesmo um recuo em relação à proposta feita na reunião anterior. Lembrando, também, que as perdas salariais da categoria em um ano ultrapassam 12%.

Diante do impasse, nova reunião da paritária ocorrerá após o dia 30/06.

A recuperação integral das perdas salariais é fundamental para a manutenção da qualidade de ensino oferecido aos alunos. Por isso mesmo, nossa campanha salarial tem o mote: "Mais trabalho com menos salário? Assim não dá" (foto).

Além da recomposição das perdas salariais, a Feteerj reivindica: uma CCT unificada para todos os Sinpros; manutenção das cláusulas sociais; homologação nos sindicatos; pagamento da "Hora Tecnológica"; e o respeito à Saúde da professora e professor.

Fonte:
FETEERJ. 24/Junho/2022.
(https://feteerj.org.br/continua-a-luta-pela-renovacao-da-convencao-coletiva-de-trabalho-nova-reuniao-apos-o-dia-30-06/)

TEMAS SENSIVEIS

NO DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBTQIA+, VEJA A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

"Eu sofria violência física, psicológica e social", relembra Dionne Freitas, que além do bullying, sofria discriminação social e exclusão na escola onde estudava. Ela é uma das personagens do documentário produzido pelo Escola + Diversa, um projeto que oferece ferramentas para os professores trabalharem o tema dentro das salas de aula.

O dia 28 de Junho é um marco na garantia de direitos das pessoas LGBTQIA+. Além de celebrar o orgulho, é necessário refletir sobre a urgência da garantia de direitos para essa população, como por exemplo o direito à educação.

De acordo com a Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016[1], 60,2% dos estudantes se sentem inseguros no espaço escolar por causa de sua orientação sexual e 40,8% pela maneira como expressam seu gênero. Realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, o estudo ainda aponta que 64% dos estudantes afirmam que não existe ou desconhecem mecanismos de denúncia ou acolhimento de estudantes LGBTQIA+ no regulamento da escola.

"Eu tinha que pensar no momento em que ninguém ia para usar o banheiro". Para Dionne, uma mulher trans, a escola, um ambiente que deveria proporcionar aprendizado, cidadania e acolhimento, foi palco para violência física e sexual. Infelizmente este não é um caso isolado na educação privada e pública brasileira.

"Eu não tive uma estrutura, um direcionamento dentro da escola, algum responsável para (…) me fazer entender o que estava se passando e, muito mais do que isso, normalizar a minha presença dentro da escola, daquela estrutura que é normativa menino/menina, filas separadas, banheiros separados, trabalhos separados", conta o artista Porto, que também fala no documentário sobre sua experiência com LGBTfobia durante a sua vida escolar.

Criado a partir do relato da experiência de dois colaboradores, a iniciativa foi criada e desenvolvida pelo CIEDS (Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável), em parceria com o Itaú Unibanco e a Mais Diversidade, o Escola + Diversa busca construir estratégias de combate à LGBTfobia no ambiente escolar, visando à garantia dos direitos de acesso à educação pela população LGBTQIA+ e, consequentemente, seu ingresso qualificado no mercado de trabalho.

O projeto criou um Mapa da Diversidade, uma caixa de ferramentas pedagógicas que podem ser utilizadas de forma gratuita por educadores de todo o Brasil. Ela reúne o jogo Diversidade em Ação, a série audiovisual Vozes + Diversas, além de disponibilizar estruturas de oficinas online e planos de ação cocriados pelas juventudes participantes do projeto.

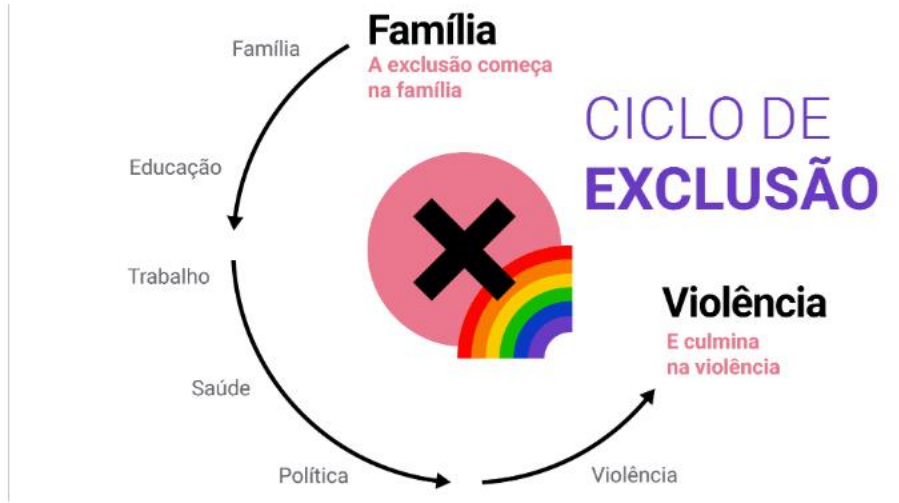
Evasão escolar

A falta de preparo para lidar com a diversidade de gênero e sexual, muitas vezes faz com que a escola se torne um ambiente hostil para estudantes. O cotidiano escolar pode se tornar fonte de sofrimento diário para estudantes que sofrem humilhações diárias, que muitas vezes corroboram para uma visão negativa da escola, faltas, fracassos escolares e abandono da escola.

Pesquisas revelam que a população LGBTQIA+ é uma das mais vulneráveis a entrar nas estatísticas de evasão escolar. Uma pesquisa realizada em 2016 pelo presidente da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o defensor público João Paulo Carvalho Dias, estima que no Brasil 82% das pessoas trans e travestis tenham abandonado os estudos ainda na Educação Básica.

"A gente precisa esclarecer que não existe evasão escolar e sim 'expulsão'. Ninguém consegue aguentar um ambiente que é violento e que permite essa violência todos os dias", afirma membro e influencer da Comunidade LGBTQIA+ que participou da pesquisa LGBTQIA+ | Invasão de Cenários 2019, realizada pelo Google e Box 1824, que você pode conferir aqui.

De acordo com a pesquisa, o ciclo de exclusão começa na família, continua na escola e tem consequências na vida profissional, saúde e política, culminando em violência.



Fonte: Google / Think With Google[2].

Como tornar a sua escola mais diversa?

O Instituto Brasileiro Trans de Educação divulgou nas suas redes sociais algumas dicas para ajudar gestores, professores e coordenadores pedagógicos a combater a LGBTfobia no ambiente escolar. Confira:

Não é papel da escola tirar ninguém do armário. Ofereça espaços de escuta para que os estudantes se sintam segures. A sexualidade é um assunto particular. Não interfira e nem "denuncie" a orientação sexual e identidade de gênero de seus estudantes às famílias.

Fique atento a xingamentos, brigas, ameaças e ataques a integridade físicas de estudantes LGBTQIA+. A escola deve fazer um trabalho preventivo, mas estabeleça combinados, sanções e ambiente seguro para que a violência seja comunicada. Trabalhe com rodas de conversas, técnicas de solução de conflitos e justiça restaurativa.

Quando souberem de situações de maus tratos e até expulsão de casa, denuncie no Conselho Tutelar, Ministério Público e nas Delegacias Especializadas de Proteção à Criança e ao Adolescente.

Para combater e impedir o assédio sexual, crie regras baseadas em limites que valham para todos, independente de identidade de gênero ou orientação sexual. Promova o debate sobre respeito ao corpo e os limites entre paqueras e assédio.

Dê atenção especial aos banheiros, que são locais comuns de assédio verbal ou sexual. Crie um ambiente acolhedor para todes e propicie um espaço de denúncias.

Estimule atividades sem divisão de gênero nas aulas de Educação Física.

Abra espaços de discussão sobre linchamentos virtuais e agressões online.

Promova a formação continuada de professores e educadores sobre gênero e diversidade sexual. Convide especialistas, ativistas e faça parcerias com universidades. Compactuar ou se omitir com agressões é mais uma forma de violência.

O mapa da violência LGBTQIA+ no Brasil feito pelo departamento de Direito da FGV de São Paulo apresenta propostas de enfrentamento à LGBTfobia que passam por diversas áreas. Baseadas em recomendações do governo australiano, as propostas visam estimular a promoção, prevenção, tratamento e manutenção de políticas públicas com ações focadas no coletivo e indivíduo. Confira abaixo:

Fonte: A Violência LGBTQIA+ No Brasil (FGV Direito SP)[3] / National LGBTI Health Allience. Going upstream: A framework for promoting the mental health of lesbian, gay, bisexual, transgender and intersex (LGBTI) people. Outubro de 2019.

Você conhece a sigla?

A bandeira do arco-íris representa uma comunidade diversa que luta pelo direito de ser e amar quem quiser. A sigla já passou por algumas alterações, talvez você se lembre quando se falava do público GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Hoje, a nomenclatura utilizada é mais inclusiva e abraça as mais diversas orientações sexuais e identidades de gênero existentes. Entenda a sigla:

L de Lésbicas: Pessoas que se identificam como mulher e têm atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres.

G de Gays: Pessoas que se identificam como homem e têm atração afetiva e/ou sexual pelo mesmo gênero.

B de Bissexuais: Pessoas que têm atração afetiva e sexual por homens e mulheres.

T de Transexuais, Travestis, Transgêneros e Não Binárie: Pessoas que não se identificam com os gêneros atribuídos no nascimento com base nos órgãos sexuais.

Q de Queer: Pessoas que não se identificam com os padrões de gênero e/ou orientação sexual impostos pela sociedade, ou aquelas que transitam entre os gêneros e ainda as que preferem não se definir.

I de Intersexo: Pessoas que apresentam variações em cromossomos ou características genitais associadas às noções típicas de sexo masculino e/ou feminino.

A de Assexual: Quem sente pouca ou nenhuma atração sexual.

+: Representa todas as outras letras da sigla completa LGBTT2QQIAAP, inclusive as que possam surgir no futuro.

Fonte:
FRM. Emy Lobo. 28/Junho/2021.
(https://www.futura.org.br/no-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia-veja-a-importancia-da-diversidade-na-educacao/)

CURIOSIDADES DO IDIOMA PORTUGUÊS

‘CASAMENTO HOMOSSEXUAL’ E ‘CASAL HOMOAFETIVO’ SÃO EXPRESSÕES CORRETAS?

Algumas pessoas alegam que a palavra ‘casal’ não poderia ser aplicada à união entre indivíduos do mesmo gênero por ser historicamente exclusivo à união de homem e mulher. Seria um contrassenso. “Não existe casal de dois homens!”

Situação semelhante se encontra até nas questões jurídicas quanto a ‘casamento’, pois essa palavra também só poderia se referir ao enlace de duas pessoas de sexo/gênero diferentes. Nos dois casos, já vi gente recorrendo à Etimologia, à Lexicologia e à Gramática para tentar’ garantir que ‘casal’ e ‘casamento’ não sejam empregadas para ‘homossexual’, ‘homoafetivo’ ou ‘Homorromântico’ e correlatos. Mas e aí? A gente usa, então, o quê? ‘Dupla’? ‘Par’?

Como gostamos de Etimologia, vamos lá! A palavra ‘casal’ existe desde os primórdios da Língua Portuguesa, mas não tinha o significado de ‘marido + mulher’. Assim como um trigal é um conjunto de trigos, um bananal é um de bananeiras, um casal era um conjunto de casas, uma vila – ou seja, as famílias viviam em casais (casas, vilarejos).

O sentido de que o marido e a esposa eram um casal só aparece no século XVIII. Derivou-se da ideia de que eles viviam em um casal, isto é, o foco é a casa e não os gêneros deles. Como desde a Idade Média apenas parceiros de sexos diferentes poderiam ser casados, casal acabou sendo aplicado a homem e mulher.

Nesse mesmo raciocínio, de algo ligado à casa, apareceram ‘casamento’, ‘casório’ e até ‘acasalamento’.

De lá para cá, o par masculino-feminino tem dominado as acepções para casal e casamento, mas, ultimamente, com um cenário menos hostil para com a população LGBT e com os enlaces legais de parceiros homorromânticos, as expressões como ‘casamento gay’ ou ‘casal homossexual’ têm sido usadas cotidianamente no sentido de união.

Procure lá. Os dicionários atuais já incluem o significado de ‘casal’ como “qualquer par de pessoas cuja relação é amorosa e/ou sexual”. Gramatical, lexicológica e etimologicamente, não há nada que impeça tal uso para esses termos. As palavras mudam de significado conforme o tempo. Casal, de conjunto de casas, passou a designar marido e esposa e nada impede que possa ter outro sentido. Por fim, o que determina o conceito de um vocábulo é o seu uso contemporâneo.

No mais, tudo é só opinião.

Fonte:
Língua e Tradição. RAFAEL RIGOLON. 19/6/2022
Fonte:
(https://www.facebook.com/102515961497019/posts/566944521720825/?sfnsn=wiwspwa)

A LINGUAGEM COMO ARGUMENTO

Argumentar é apresentar evidências para sustentar uma tese. Esse procedimento remonta à retórica clássica, que codificou os principais recursos capazes de promover a adesão ao ponto de vista do orador. Aprendemos dos gregos que tais recursos consistem basicamente de “provas” e “razões”. À língua cabia servir de suporte ao pensamento e conferir beleza à expressão por meio das figuras (flores retóricas), que constituíam uma espécie de acréscimo.

Essa maneira de avaliar o papel da linguagem no texto argumentativo mudou. Hoje não se considera o material linguístico como algo que “se acrescenta” ao discurso, e sim como um dos componentes fundamentais da argumentação. O processo de argumentar “depende de nossas escolhas linguísticas para obter sua eficácia” (Ana Lúcia Tinoco Cabral, em “A força das palavras: dizer e argumentar” – Ed. Contexto).

Uma pequena ilustração disso está na historinha que circulou há algum tempo na internet envolvendo um cego e um publicitário. O cego pedia esmola numa manhã ensolarada de Paris; junto dele havia um cartaz com os dizeres: “Por favor, ajude-me, sou cego”.

Ninguém pingava uma moeda em seu pires. Vendo isso, um publicitário que passava alterou os dizeres e foi embora. Quando voltou, horas mais tarde, percebeu que o pires estava cheio de dinheiro. O cego o reconheceu e perguntou o que ele havia escrito. “Nada diferente do antigo anúncio”, disse-lhe o publicitário, “mas com outras palavras”. No novo cartaz, aparecia: “Hoje é Primavera em Paris, mas eu não posso vê-la”.

O que mudou? Na versão do publicitário, a condição do cego não é explicitada, mas depreendida por metalepse (efeito pela causa) da afirmação “não posso ver” (bem mais apelativa). Essa afirmação constitui um doloroso contraste com o que está expresso antes: a beleza da primavera parisiense, que os transeuntes tinham o privilégio de contemplar. As alterações aumentaram a eficácia do texto, que enfim conseguiu despertar a solidariedade das pessoas.

Como se vê, o bom argumento é o que produz empatia, identificação. E a melhor maneira de conseguir isso é envolver pela linguagem o destinatário.

Fonte:
Língua e Tradição. CHICO VIANA. 1/7/2022
Fonte:
(https://www.facebook.com/102515961497019/posts/575184694230141/?sfnsn=wiwspwa)

A imagem do menino músico chorando foi classificada como uma das fotos mais emotivas da história moderna.

Esta foto foi tirada de um garoto brasileiro de 12 anos (Diego Frazzo Turkato), tocando violino no enterro de seu professor que o resgatou do ambiente de pobreza e criminalidade em que ele morava.

Nesta imagem, a humanidade fala com a voz mais forte do mundo:
" Cultive o amor e a bondade em uma criança e junte amor e bondade. E só então você construirá uma grande civilização, uma grande nação "...

Fonte:
Waldyr Rebollo. 9/7/2022
Fonte: (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1744714215699014&id=100004813565517&sfnsn=wiwspwa)